

## O Vesúvio como bar temático: uma proposta de turismo cultural?

Maria Luiza Silva Santos ([maluss@uesc.br](mailto:maluss@uesc.br))\*

### Resumo

O artigo se centra no Bar Vesúvio, situado na cidade de Ilhéus, Bahia, que reabriu suas portas em novembro de 2001 com a proposta de bar temático. A relação histórica do ambiente está presente na literatura de Jorge Amado, mais precisamente no romance Gabriela, Cravo e Canela. A análise perpassa o enfoque temático como subsidiário do turismo cultural, objetivando a investigação da relação existente entre o modelo atual e o Vesúvio da literatura amadiana.

**Palavras chaves:** Bar Vesúvio, Turismo cultural, Cultura.

### Abstract

This article is aimed to the Vesúvio bar placed at Ilhéus city, estate of Bahia, that become opened again at november 2001. With the objective of thematic bar, the present ambiental historical relationship is present as described in Jorge Amado literature, precisely in Gabriela Cravo e Canela romance. The present analisis pass through a thematic view as subsidiary of the cultural turism with the object of research between the living model and that of Amado literature.

**Key words:** Vesúvio bar , Cultural turism, Culture

A análise deste artigo se desenvolve em dois movimentos inversos. O primeiro é o da literatura amadiana que se fundamenta em fatos e fontes reais que se transformam em história ou ficção. O segundo corresponde a uma proposta temático-turística do Bar Vesúvio, a qual busca subsídios no romance Gabriela Cravo e Canela do escritor Jorge Amado, através de uma volta ao passado.

O Bar Vesúvio é um estabelecimento comercial considerado como uma das principais referências históricas da cidade de Ilhéus. Está situado na praça São Sebastião, próximo à Catedral dedicada ao mesmo Santo, no centro da cidade. Sua história remonta aos anos de 1920. Desde então, passou pela mão de vários proprietários, como evidencia a literatura "O Vesúvio mudava de dono constantemente" (SÁ BARRETO, 1982:95).

Ilhéus é um município litorâneo situado a 400km de Salvador, capital do Estado da Bahia que começa a despertar para a atividade turística como uma das opções para fazer face aos desafios da crise econômica por que passa a Região Cacaueira, na qual está inserida a cidade de São Jorge dos Ilhéus e se constitui em um dos pólos centrais de seu desenvolvimento. Possui paisagens naturais e culturais que podem significar insumos para o setor. Estes dois fatores podem ser objeto de uma proposta no sentido de alavancar o turismo local. Atualmente, Ilhéus chama a atenção dos turistas por suas extensas praias, clima quente e úmido, mata atlântica e riquezas literárias e históricas.

Em se tratando do Bar Vesúvio, o enfoque é basicamente cultural. Está se falando em atrativos que contemplam a memória de uma época, integrados ao contexto regional contemporâneo. Em se tratando de turismo, "fenômeno complexo, que atinge grande número de pessoas e países, fonte significativa de divisas para a economia e que afeta inúmeros tipos de comunidade" (BANDUCCI Jr., 2001:23), a tendência atual passa pela questão da segmentação, apresentando dentre as várias

classificações, o turismo cultural. Este é um conceito bastante discutido que abrange os aspectos naturais e principalmente históricos e culturais de uma região. Contempla a idéia de preservação, através de planejamentos racionais que viabilizem a continuidade do bem cultural, para que possa ser objeto de conhecimento e orgulho de gerações futuras, evitando distorções históricas e propiciando conhecimento da cultura e equilíbrio sócio econômico. Como esclarece Barros, de forma bem apropriada:

*O turismo se torna aquele ingrediente que transforma o processo e faz com que os recursos mereçam ser preservados e protegidos, porque representam o futuro e a condição de vida para as novas gerações (BARROS, In: LAGE, 2000:91)*

O turismo cultural engloba também atividades de mercado, como os serviços de atendimento, o desenvolvimento econômico local e o aperfeiçoamento profissional, bem como a autenticidade e a preservação de atrativos históricos. Podem ser elencados como bens culturais: a arte, a arquitetura, o patrimônio histórico, a culinária, o artesanato; enfim, todos os componentes que fazem parte da estrutura cultural local e que possam servir de atrativo ao conhecimento daqueles que vêm de fora.

Um dos grandes desafios que se coloca, quando se pretende desenvolver o turismo cultural, está na necessidade primordial de preservação e na autenticidade do patrimônio histórico, respeitando o modo de vida da comunidade e o espaço cultural. Esse é compreendido como "parte da superfície terrestre que tem sua fisionomia e 'aura' originais mudadas pela ação do homem. É, portanto, consequência da intervenção do trabalho físico e mental do homem no seu espaço natural (BENI, 1998:84).

A preservação em questão passa por aspectos que se pode denominar de parcerias. Parcerias com a comunidade, com entidades privadas e com o poder público para que elas possam, de maneira cooperativa, oferecer ao visitante oportunidades de praticar um turismo

\* Mestre em Cultura e Turismo e Professora de Sociologia da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. E-mail: maluss@uesc.br

cultural de qualidade e à comunidade inserida o desenvolvimento almejado. Em geral, a parceria entre cultura e turismo é conflitante. A primeira apresenta-se com uma linguagem mais antropológica e educacional, enquanto a segunda mostra-se como um segmento econômico de mercado. A união desses dois fatores, resultando em um turismo cultural, pode ser benéfica para a sociedade local, mediante um planejamento estratégico que contemple os dois aspectos de forma integrada. As organizações culturais satisfazem o desejo do visitante de conhecer outros povos e suas histórias. O turismo cultural aproveita esse filão para promover o entretenimento com aprendizado, através da informação sobre as tradições passadas e costumes presentes do espaço visitado. Apesar de se constituir uma segmentação emergente na indústria turística, o turismo cultural é considerado positivo tanto em função do turismo internacional, pela atração do diferente, como do turismo doméstico, pela procura e descobertas das raízes e identidades que terminam por promover orgulho em algumas sociedades.

O Bar Vesúvio se constitui num desses ícones que serve de referência histórica e atrativo para a sociedade de Ilhéus. Apesar de ter passado por proprietários de origem italiana, espanhola e brasileira, se eternizou no imaginário pela figura emblemática do "turco" Nacib de origem síria. Para tanto, o poder da telecomunicação é evidente na propaganda turística quando se constata que:

*Concorreu, em muito, para o crescimento do turismo na cidade, a programação, em 1975, no horário nobre da TV Globo, com a exibição da novela Gabriela, Cravo e Canela, baseada no livro homônimo de Jorge Amado. Começou a procissão para comer um quibe no Vesúvio, alguns ainda querendo ver a Gabriela, o Nacib e o Tônico Bastos. Diante da impossibilidade, pelo menos viveram o ambiente, ainda cheio de recordações, inclusive com fotografias existentes no interior do bar. (VINHÃES, 2001, p:136)*

## O Vesúvio de Jorge Amado

A cidade de Ilhéus se celebrou ainda, associada a temáticas como o coronelismo, o cultivo e a exportação do cacau, as relações de riqueza e poder próprias de uma prosperidade quase súbita, as infidelidades amorosas e as relações políticas, dentre outras, abordadas pelo escritor Jorge Amado em seus livros: Cacau (1933), Terras do Sem Fim (1943) e São Jorge dos Ilhéus (1944). Mas, talvez nenhum desses trabalhos tenha tido tamanha repercussão como o romance Gabriela, Cravo e Canela. O texto relata, entre outras histórias, o romance do "turco" Nacib, dono do bar Vesúvio, e da retirante Gabriela. Tanto os habitantes da região como os turistas que visitam a cidade de Ilhéus se confundem, por vezes, entre a realidade e a ficção. Buscam conhecer a Gabriela, ou suas origens, o Seu Nacib, o Bar Vesúvio e o Bataclã, fazendo associações que muitas vezes se perdem na história do tempo e nas contradições. Jorge Amado chegou a escrever que "foi aqui onde tudo começou. Foi aqui em Ilhéus, na praça do Vesúvio, não foi noutro lugar" (AMADO, 1997:47), se referindo ao local onde seus personagens começaram a "ganhar o mundo". O ano era 1925. A cidade, Ilhéus. O personagem, Seu Nacib. O foco principal, o Bar Vesúvio e, o romance, o livro Gabriela, Cravo e Canela.

A Ilhéus descrita pelo autor neste romance é aquela do fausto que se alojava na região em função da prosperidade do cacau. O cultivo se encontrava em período de constantes altas, significando desenvolvimento, riqueza e fortuna, fatores que iam gradativamente mudando a fisionomia da cidade, como exemplifica o trecho abaixo:

*Os filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades, novas residências para as famílias nas ruas recém abertas, móveis de luxo mandados vir do Rio de Janeiro, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas multiplicando-se, o comércio crescendo, bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis,*

*o progresso enfim, a tão falada civilização* (AMADO, 1958:13).

Numa terra onde doutor não era doutor e capitão não era capitão, ainda se fazia confusão quanto à nacionalidade ou origem do "turco" Nacib. Tratavam-no de árabe ou turco. Nascera na Síria e desembarcara com quatro anos de idade em Ilhéus, com a mãe e a irmã mais velha, de seis anos, de um navio francês que se destinava à Bahia.

Considerava-se ilheense por dentro e por fora. Foi naturalizado brasileiro no momento da sua chegada, quando o pai, o mascate Aziz, conduziu os filhos para Tabocas (hoje Itabuna) para registrá-los brasileiros. Fez-se homem em Ilhéus e, por volta de 1920, comprara o bar Vesúvio, localizado em zona residencial, ou pelo menos afastado do centro comercial que ficava nas proximidades do antigo Porto e onde se encontravam os outros bares concorrentes.

A situação do estabelecimento era das piores possíveis: "uma decadência medonha, vazio, sem freguesia, às moscas" (AMADO, 1958:47). Porém, como já trabalhara com um tio, em função de sociedade feita pelo pai com relação a outro bar, e acreditava ser o tio medroso e pouco ambicioso, preferiu vender a sua parte. Depois de alguns negócios escusos, fazendo mais dinheiro, comprara o Vesúvio de um italiano que trocara o comércio pelas roças de cacau. De acordo com o romance:

*O Bar Vesúvio era o mais antigo da cidade. Ocupava o andar térreo de um sobrado de esquina numa pequena e linda praça em frente ao mar, onde se erguia a igreja de São Sebastião. Na outra esquina, inaugurara-se recentemente o Cine Teatro Ilhéus* (AMADO, 1958:48).

A decadência pontuada anteriormente ocorria devido à falta de interesse do antigo proprietário. Não repunha estoques, as cadeiras encontravam em estado de má conservação e até mesmo quebradas, o bilhar tinha o pano rasgado e até o nome, pintado com letras cor de fogo, sobre a imagem de um vulcão em erupção, ficara desbotado com o tempo.

Quando o turco adquiriu o bar, mandou pintar tudo de novo, fazer mesas e cadeiras, comprou jogos de damas e gamão e construiu um reservado nos fundos para o jogo de pôquer. Renovou o estoque de bebidas e colocou variados tipos de sorvetes para as famílias na hora do passeio. Salgadinhos, doces de aipim e de milho, acarajés, abarás, bolinhos de mandioca, bolinhos de puba, frigideiras de siri mole, camarão e bacalhau faziam parte do cardápio do novo estabelecimento. O Vesúvio voltou a florescer, superando os concorrentes de peso como o Bar Chic e o Café Ideal. Tornou-se palco de reuniões políticas, jantares de conagraçamentos e ponto de partida e chegada de notícias que corriam aos "quatro ventos" no interior daquela sociedade e da Região Cacauera da Bahia.

#### **A cadeia sucessória do Bar Vesúvio**

Saindo da ficção amadiana, encontra-se o Vesúvio na mesma praça descrita pelo autor, fundado mais ou menos em mesma época. Logo na sua entrada, os habitantes de Ilhéus e os turistas podem encontrar afixado na parede o esclarecimento quanto à sucessão dos vários proprietários do Bar Vesúvio escrita por Raymundo Sá Barreto, referido e reverenciado por Jorge Amado, como o último dos coronéis do cacau.

Sá Barreto escreve uma nota ao Diário de Ilhéus, explicando o equívoco cometido por dois amigos em artigo publicado na seção Sinal Fechado, na edição de vinte de janeiro do ano de 2000, sobre a cadeia sucessória do Vesúvio.

*O Bar Vesúvio foi inaugurado mais ou menos em 1919 ou 1920, isto eu não tenho lembrança, mesmo porque nasci em 1924 e Popof em 1925. Mas sei por depoimento dos mais antigos, tem este nome porque foi fundado por dois italianos, Nicolau Carichio e Vicente Queverini - recorri a dois ilheenses de boa cepa para obter essa informação: Euler Amorim de Almeida, residente em Aracaju e Vicente Tourinho, residente no Rio de Janeiro, ambos boêmios dos velhos tempos, e com mais ou menos 85*

anos cada um. Em seguida, foi vendido a um português, chamado Figueiredo, que era amigado com uma linda mulata chamada Felipa, de fartas ancas, muito admirada, principalmente por Helvécio Marques. O Terceiro dono foi Durval Moreno, um mulato serelepe, nascido em Ilhéus, vestia-se muito bem e era figura muito popular nas rodas boêmias da cidade. Vendeu o Vesúvio ao Sr. Costa, mudou-se para o Rio, retornando a Ilhéus, casou-se com uma fazendeira, antiga namorada e se estabeleceu com o Bar Bahia, situado aonde tem o estacionamento do Banco do Brasil, de frente para a rua Eustáquio Bastos e do lado para a praça Firmino Amaral, embaixo da pensão Vasco. No tempo do Sr. Costa tinha um animado jogo de bilhar, e um empregado do bar de nome Gutemberg, era um jogador invencível, grande atração, pelas suas jogadas. De seu Costa levou certo tempo fechado, quando o espanhol Armando assumiu o controle do bar Vesúvio. Sei que Emílio Maron comprou o bar depois de 1945 e colocou outro nome, porque antes ainda muito jovem, trabalhava com o pai, Sr. Assaid, em uma sapataria, situada em uma das lojas do prédio do antigo hotel Coelho, hoje banco Itaú. Maron antes de comprar o Vesúvio, teve um bar na rua Dendê, (Araújo Pinho) com o nome de bar "Gato Preto", cujo nome foi lembrado pelo jornalista Amaury Fonseca de Almeida, meu colega de escola primária, no colégio de Dona Josefina Vilas Boas (D. Zefa) situado ao lado do Ilhéus Praia Hotel. Defronte da sapataria de Sr. Assaid, depois transferiu-se para varanda do teatro, onde está localizada a sorveteria de Gileno. Só no fim de 1945 ou em 46, Maron foi para o Vesúvio, com outro nome, Bar Maron, que só retornou a ser chamado Vesúvio depois que Jorge Amado publicou Gabriela. Devo esclarecer dos proprietários do Vesúvio, só não conheci os italianos e o português, Figueiredo. No andar de cima do Vesúvio funcionou um cinema de propriedade de Sá Pereira, quando houve o naufrágio do navio da Navegação Baiana, o Comandatuba, que bateu na pedra do Rapa, Sá Pereira suspendeu a seção de cinema e colocou os holofotes para auxiliar os naufragos. Também funcionou

o cabaré El Dourado de propriedade de Mário Cardoso e Hugo, o encarregado do jogo, um dos crupiê era Arnaldo Bereco, capanga de Tenório Cavalcanti, acusado de ter matado o delegado Albino Imparato, foi delegacia de polícia e escritório do Departamento de portos e canais e vias navegáveis. (SÁ BARRETO, 2000).

### O Vesúvio hoje

Uma vez elencados os antigos proprietários e tendo ciência de alguns períodos pelos quais ficou fechado, cabe dizer que o Bar Vesúvio encontra-se hoje, no ano de 2005, em período de alta frequência, administrado por um descendente de italianos natural da capital do estado. O contexto social da cidade de Ilhéus e região cacauceira é bastante diverso daquele marcado pelo fausto descrito no romance Gabriela, Cravo e Canela. O período é de prolongada crise financeira e produtiva, de instabilidade quanto à cacauicultura e à necessidade de se abrir novas frentes econômicas para a região, tendo a cidade de Ilhéus, como um dos principais objetivos, para tanto, o aproveitamento turístico de seus recursos. As iniciativas propostas para o município passam por suas riquezas naturais e culturais, sendo de grande relevância para o município a referência "Jorge Amado".

Após um período de reformas, reabriu suas portas no dia 19 de novembro de 2001, com uma nova proposta, a de bar temático. A proposta temática associa a estrutura atual ao modelo do Vesúvio do Seu Nacib, promovendo um atrativo diferenciado e propondo o conhecimento histórico/literário a turistas e autóctones. Localizado no mesmo espaço, desde o seu primeiro proprietário, ao lado da catedral de São Sebastião, de frente para a avenida Soares Lopes, sofreu com o tempo algumas modificações. A parte externa foi pintada em uma tonalidade azul acinzentada; o interior possui paredes de cor clara, piso de lajotas e teto rústico de tijolo aparente. O mobiliário da parte externa é de aço e mármore; o do interior, de madeira,

restituindo o modelo de mesas dos bares mais antigos. Num local estratégico que pode ser facilmente visto por quem passa pela calçada ou mesmo de automóvel, foi pintado o retrato de Jorge Amado e a caracterização de uma Gabriela, que servem de fundo para foto de turistas. Segundo o atual proprietário, Guido Paternostro, que vive em Ilhéus há treze anos:

*O turista relaciona o Vesúvio com o romance e a novela Gabriela, Cravo e Canela em cem por cento. Eu até brinco que sou Nacib, ou que sou seu neto. Meu nome já virou Guido Nacib. Alguns procuram saber porque o nome Vesúvio, explico que o bar foi fundado por dois italianos em 1919 e que colocaram esse nome em função do vulcão da Itália.*

Os turistas terminam por confundir ficção com realidade. Querem conhecer Gabriela e Nacib. Existem alguns fatos que podem ser relacionados, como a possível ou propalada inspiração do personagem Nacib na pessoa do Sr. Emílio Maron; outras parecem não passar de ficção.

Apesar de a maioria dos freqüentadores optar pelo quibe frito e o chope, o cardápio "viaja" até o romance, elencando pratos como: Caldinho levanta Nacib, Camarão à Gabriela, Camarão ao Coronel Tônico Bastos, Viagra do Nacib, Filé ao Coronel Misael e a Galinha ao Cabaré de Maria Machado. Resgata ainda pratos da cozinha do Vesúvio de Emílio Maron, na década de cinquenta, como a Batata ao Vesúvio, que é cozida, não ficando nem dura nem mole, com pimenta do reino, cominho e azeite de oliva. Tira-gosto que os antigos freqüentadores comiam enquanto jogavam.

O setor turismo compreende primordialmente o serviço e o atendimento de qualidade. Em Ilhéus, percebe-se ainda considerável dificuldade de prover serviços profissionalmente qualificados nessa área. O proprietário atribui essa dificuldade à própria história regional, em que se vive um período de transformação, saindo de um ciclo do cacau e buscando espaço na indústria ou no turismo.

Guido Paternostro enfatiza que:

*Para a cultura, história e o turismo de Ilhéus, o Vesúvio é de grande significado. O cidadão ilheense tem orgulho de ver o Vesúvio em funcionamento, sentindo-se um pouco dono da sua história ou ao menos participante. Para o turista, a curiosidade passa pela obra de Jorge Amado, seja diretamente, através do romance, seja através das imagens para televisão ou cinema.*

As pessoas da região ressaltam a importância de investimentos na área do turismo, tanto em termos de recursos públicos como através da iniciativa privada. Na época da inauguração, foi publicado no jornal regional Agora um artigo que chamava a atenção para este fato:

*(...) a importância do resgate do passado e os muitos caminhos do turismo de Ilhéus, que dependem não só das ações do poder público nos investimentos de infra-estrutura, como também da iniciativa privada, através de empreendimentos na área de serviços e de atendimento ao turista (MORAIS, 2000:6)*

O município de Ilhéus tem manifestado o desejo e engendrado algumas iniciativas para o seu desenvolvimento turístico. Essas iniciativas ainda não se encontram bem formatadas, dando origem ao questionamento: a que tipo de turismo Ilhéus se propõe? Uma vertente significativa poderia ser a do turismo cultural, uma vez que se trata de um município com fortes raízes históricas, rica na literatura de Jorge Amado.

O Bar Vesúvio, bastante divulgado na literatura amadiana, e sua história fazem parte da vida de Ilhéus, podendo ser um ótimo filão a ser explorado para o turismo e para a educação regional. A nova proposta e a nova administração do estabelecimento apostam no enfoque temático, modificando a decoração anterior, o cardápio, e ainda a caracterização dos antigos atendentes, hoje retratados como nacibs e gabrielas.

Essas iniciativas não restabelecem a caracterização primeira, porém, as modificações efetivadas foram inspiradas na temática do romance Gabriela Cravo e Canela. Como desafio seguinte, a atual administração pretende criar um museu temático no andar superior, com elementos fotográficos, literários e objetos. Contudo, a conservação dos valores e a cultura não é tarefa exclusiva da demanda do turismo; cabe a toda a comunidade, bem como aos órgãos públicos locais.

Evidencia-se na modernidade uma necessidade de parcerias entre os setores públicos e privados no sentido de um desenvolvimento mais efetivo, tornando o segmento turismo num setor econômico próspero e sustentável. A parceria com a comunidade e instituições ligadas a cultura e ao patrimônio histórico é cada dia mais necessária para movimentar o denominado turismo cultural. Não havendo um trabalho cooperativo entre os diversos segmentos que contemplam os serviços e a história, o fenômeno turismo fica prejudicado, não atendendo a seus fins específicos. Trabalhando numa perspectiva atrelada ao segmento do turismo cultural, percebe-se que a história e a cultura referentes à cidade de Ilhéus foi propalada no imaginário nacional e até mesmo internacional através das obras do escritor Jorge Amado. Os turistas se deslocam para a região em busca do que conhecem através da literatura amadiana. Como evidencia Fontes:

*no seu conjunto de recursos naturais, históricos e culturais, tomam a localidade um dos destinos mais procurados do estado, perdendo em posição, somente para Porto Seguro e Salvador, mas não suficiente para aumentar significativamente sua demanda, nem satisfazer o empresariado local (FONTES, 2001:17)*

Os problemas existentes que repercutem em pequena demanda são sentidos por aqueles que vivenciam e trabalham com o setor turístico, bem como por aqueles que visitam Ilhéus. Conclui-se, então, que apesar de a cidade de Ilhéus ter significativas atrações históricas e

culturais, sua política de desenvolvimento para os setores turístico ainda não se encontra bem formatada, "o turismo na cidade existe de forma pouco profissionalizada, a infra-estrutura e os serviços públicos são precários, e a comunicação e a divulgação ocorrem de forma deficiente (FONTES, 2001:23). O referencial cultural da cidade de Ilhéus é um atrativo considerável que pode e deve ser mais bem trabalhado e divulgado frente a população e os turistas. A falta de informação dos habitantes locais gera um desinteresse por parte dos visitantes que não desejam sair da localidade, onde fizeram sua opção de turismo, desinformados, sem suprir a satisfação quanto as suas curiosidades. As ações que foram evidenciadas no sentido do aproveitamento relacionado ao imaginário amadiano, do qual o Bar Vesúvio faz parte, ainda possuem cunho superficial, sendo consideradas subutilizadas diante da riqueza de atrações.

O Bar Vesúvio está inserido no denominado "Quarteirão Jorge Amado", conjunto arquitetônico que compreende, além de outros patrimônios, o Bataclã, a Catedral de São Sebastião e a Casa de Cultura Jorge Amado. Essa subdivisão em quarteirões pode ser considerada uma iniciativa para enfatizar e enriquecer o turismo cultural. Registra-se porém que um projeto de turismo cultural geralmente não é objetivo a ser realizado a curto prazo, pois demanda pesquisas e conhecimentos. O Bar Vesúvio é uma dentre as tantas outras opções que podem ser propostas para a preservação da cultura local e até mesmo regional.

O turismo envolve infra-estrutura e planejamento. Trata-se de uma estratégia de conjunto, e não de iniciativas isoladas. Um tipo de atrativo como o Bar Vesúvio pode servir de interesse turístico, mas esta proposta terá êxito mais provável se houver, no entorno, uma continuidade de bens e serviços que sirvam como complemento de atração turística. O casamento entre a cultura e o turismo é certamente tarefa difícil. Por outro lado, tal aliança pode-se mostrar mutuamente benéfica, desde que os valores e interesses da

comunidade e do turista estejam bem representados na equação.

### Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. Gabriela Cravo e Canela. São Paulo: Livraria Martins editora, 1958.

\_\_\_\_\_. A terra da minha vida. Revista Ilhéus, Ilhéus - Bahia. Ano 3, n.º 3, 2001. Paginação irregular.

BANDUCCI Jr., Álvaro. "Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar", In: BANDUCCI Jr. e BARRETO, Margarida (orgs.) Turismo e identidade local - uma visão antropológica. São Paulo: Papyrus, 2001.

BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

BARROS, Sílvia Magalhães., "Turismo, sociedade, meio ambiente e ecoturismo", In: LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo (orgs.) Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

FONTES, Maria Josefina Vervloet. Turismo em Ilhéus. Vantagens comparativas versus vantagens competitivas. 2001. 152p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

JORNAL AGORA - Vesúvio volta a ser atração turística. Itabuna, Bahia - 24 a 30 de novembro de 2001.

MORAIS, Toninho. Comida árabe e baiana são as alternativas vesúvianas. Jornal Agora, Itabuna- Bahia, p. 05 - 24 a 30 de novembro de 2001.

SÁ BARRETO, Raimundo. Notas de um Tabelião. São Paulo: Edições GRD, 1988.

\_\_\_\_\_. Vesúvio. O Diário de Ilhéus, Ilhéus- Bahia - 26 de Janeiro de 2001.

VINHÁES, José Carlos. São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao final do século XX. Ilhéus: Editus, 2001.